

Convergências lexicais: a área dos olhos no Atlas Lingüístico Galego e no Atlas Lingüístico do Paraná

Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina (Brasil)
vanderci@uel.br

Hélen Cristina da Silva
Universidade Estadual de Londrina (Brasil)
helencso@hotmail.com

Recibido o 12/01/15. Aceptado o 30/04/15

Lexical convergences: the eye area in the Galician Linguistic Atlas and the Paraná Linguistic Atlas

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar alguns pontos de convergência entre as variantes lexicais de dois corpora geolinguísticos: de um lado, o volume V do *Atlas Lingüístico Galego* - ALGa (García et alii 2005) e, de outro, o *Atlas Lingüístico do Paraná* - ALPR (Aguilera 1994) e o *Atlas Lingüístico do Paraná II* - ALPR II (Altino 2005). Para isso, selecionamos, do Campo semântico Corpo Humano, as cartas que se referem à área dos olhos. Para a análise adotamos os métodos geolinguístico e o lexicológico uma vez que buscamos, na distribuição espacial e na dicionarização dos vocábulos, os subsídios para esclarecer a presença de variantes comuns em ambos os corpora. A análise indicou que determinadas variantes, ainda vigentes na fala rural paranaense, estão ligadas a formas galegas e que alguns processos metonímicos e de criação lexical atuam da mesma forma nas duas línguas. Ademais, constatamos que as tendências sociais referentes ao item lexical *capela* foram processados de forma similar nos três contextos linguísticos, ou seja, galego, português europeu e dialeto paranaense. Esta convergência pode ser ilustrada com: (i) a distribuição diatópica de variantes, como *capela*, no dialeto paranaense e no português europeu e a sua presença, embora esparsa, na língua galega; (ii) a atribuição de mais de um significado ao mesmo conceito, como *pestana* que, em ambos os atlas, pode significar tanto *pálpebra* como *cílios*; (iii) a criação de nomes populares resultantes da extensão de significado ou da atribuição de formas genéricas, como em *piel*, *tapa*, *papo*, no ALGa e *pele*, *couro*, no ALPR, em substituição a formas eruditas, como *pálpebra*.

Palabras chave

Convergências, léxico, corpo humano, olhos, ALGa, ALPR

Sumario

1. Apresentação. 2. *Atlas Lingüístico Galego* - ALGa vol. V. 3. Os dois Atlas linguísticos do Paraná - o ALPR e o ALPR II. 4. Análise dos corpora. 4.1. As variantes para o conceito *pestana*. 4.2. As variantes para o conceito *pálpebra*. 4.3. As variantes para o conceito *vesgo*. 4.4. As variantes para o conceito *terçol*. 4.5. As variantes para o conceito *remela*. 5. Conclusões.

Abstract

This article presents some points of convergence between the lexical variants of two geolinguistic corpora: volume V of the *Atlas Lingüístico Galego* - ALGa (García et alii 2005) and the *Atlas Lingüístico do Paraná* - ALPR (Aguilera 1994) together with the *Atlas Lingüístico do Paraná II* - ALPR II (Altino 2005). Within the Human Body semantic field, items referring to the eye area were examined. Geolinguistic and lexicological methods were used in the analysis, since we were looking for information about spatial distribution and lexical documentation of variants common to both corpora. The analysis indicated that certain variants surviving in rural Paraná speech are linked to Galician forms, and that some metonymic and lexical creation processes act similarly in both languages. We also found analogous sociolinguistic features of the lexical item *capela* in three different language areas: Galician, European Portuguese and Paraná dialect. This convergence is illustrated by (i) the diatopic distribution of variants such as *capela* in the dialect of Paraná and its presence, though sparse, in Galician, (ii) the attribution of more than one meaning to the same concept, such as *pestana* which, according to both atlases, may mean either 'eyelid' or 'eyelash', and (iii) the creation of folk terms through semantic extension or the use of more generic terms such as *piel* 'skin', *tapa* 'cover', *papo* 'maw' (in ALGa) and *pele* 'skin', *couro* 'hide' (in ALPR) rather than the learned form *pálpebra* 'eyelid'.

Keywords

Convergence, lexicon, human body, eye, ALGa, ALPR

Contents

1. Introduction. 2. The Galician linguistic atlas - ALGa vol. V. 3. Two Paraná linguistic atlases - ALPR and ALPR II. 4. Analysis of the corpora. 4.1. The variants for *eyelash*. 4.2. The variants for *eyelid*. 4.3. The variants for *cockeyed*. 4.4. The variants for *stye*. 4.5. The variants for *rheum*. 5. Conclusions.

1. APRESENTAÇÃO

Linguistas e filólogos, que discutem ou já discutiram a formação do Português Brasileiro, afirmam que a mais profunda e extensa diferença entre o Português Europeu e o Português Brasileiro reside no vocabulário uma vez que, segundo Chaves de Melo (1981: 145):

A língua aqui se enriqueceu de um sem número de novas vozes, que surgiram para exprimir os elementos do novo meio físico, animais, plantas, acidentes geográficos, e as usanças, hábitos, instituições, técnicas e conquistas do novo meio social. Desde o primeiro momento da formação brasileira se foram ajuntando ao léxico português essas novas palavras, que iam marcando os passos do Brasil na rota do seu desenvolvimento, da sua estruturação, da sua emancipação.

A língua românica, transplantada para as novas terras, encontra, pois, aqui um forte rival que predominou até meados do século XVIII, a língua tupi, aprendida pelos conquistadores lusitanos para se aproximar dos autóctones e com eles estabelecer a comunicação.

Tratando da contribuição indígena na formação do português brasileiro, Chaves de Melo (1981: 45) expõe que «não deixa de ser muito significativo o alto número de vozes que o tupi legou ao português do Brasil. Esse vocabulário novo reflete o nosso meio com seus pertences e suas riquezas, os componentes da nossa paisagem, as nossas coisas, a nossa vida, enfim».

Reconhecemos, igualmente, que a contribuição do tupi foi relevante não só no âmbito da toponímia, da flora e da fauna, mas também na (i) antroponímia, nomes como *Iara Jaci*, *Jacira*, *Jaciara*, *Iracema*, *Guaraci*, *Guaraciaba*, embora raros atualmente, já estiveram na lista dos nomes preferidos pelos pais mais nacionalistas; (ii) formação de palavras do cotidiano por meio de radicais tupis acrescidos de sufixos ou terminações advindas do português, como *capinação*, *capinar*, *pererecar*, *pipoqueiro*; (iii) na denominação de utensílios, comidas, credences, terrenos e paisagens naturais, como *urupema* (peneira), *mingau*, *curau* (doce feito de milho verde), *boitatá*, *baitatá*, *igarapé* (charco), *igarapé* (rio pequeno, caminho de canoa).

A influência fonética de uma língua sobre a outra, no caso o tupi sobre o PB, é mais difícil de ser comprovada, uma vez que fenômenos como a iotização e a apócope da vibrante são ainda alvo de amplas discussões, ora tomados como próprios da *deriva* da língua, ora como fenômenos românicos comprovados no francês e espanhol. Ao contrário, a filiação lexical não parece tão nebulosa na maioria dos casos, conforme atesta Noll (2010: 61),

A aceitação de empréstimos, sobretudo substantivos, é a forma mais direta de interferência linguística. Brasileirismos dos tempos antigos são empréstimos das línguas indígenas que se limitam quase exclusivamente ao tupi, então difundido nas regiões litorâneas. Estes empréstimos aparecem inicialmente só como brasileirismos quanto à sua origem, o que encontra um paralelo histórico na denominação *língua brasílica*. Eles se incluem nos empréstimos que o português recebeu na época das descobertas, bem como os de línguas africanas e asiáticas.

Depois da lei imposta pelo Marquês de Pombal, com a expulsão dos jesuítas, a língua portuguesa passa a ser obrigatória nas terras brasílicas. Contudo, além dessa reconhecida influência da língua tupi, contribuição estimada em cerca de dez mil vocábulos, principalmente na denominação de topônimos, de elementos da flora e da fauna específicos da nova terra, os elementos portugueses trazidos a partir da segunda metade do século XVI foram se amalgamando, quase que simultaneamente, aos elementos negro-africanos. Hegemônico no século XIX, o português recebe influências de outros grupos de imigrantes europeus, asiáticos e africanos.

Uma vez reconhecida a inestimável contribuição dos mais diferentes grupos linguísticos na formação do PB, voltamo-nos para a questão bastante discutida sobre a origem dos portugueses que compuseram a base da formação do povo brasileiro. Retomando algumas correntes, temos que os portugueses que aqui aportaram nas sucessivas incursões provieram, ora do Norte, ora do Sul, ora indistintamente de todas as regiões de Portugal. Os dados estatísticos de que dispomos são insuficientes para colocar um ponto final na questão. Diante disso, recorreremos às autoridades no assunto. Citando três grandes estudiosos, verificamos que, para Herculano de Carvalho, nas palavras de Vázquez Cuesta e Luz (1971: 68), a oposição Norte-Sul só corresponderia à realidade do ponto de vista lexicográfico quando a uma palavra latina registrada no Norte correspondesse outra de origem árabe vigente no Sul. Reconhece Herculano de Carvalho que é possível estabelecer uma distinção entre ambas as regiões uma vez que o Norte sempre apre-

sentou maior clareza e homogeneidade vocabular em relação à imprecisa estrutura meridional. Segundo o autor, na citação de Vázquez Cuesta e Luz (1971: 68):

[...] áreas léxicas muito claras correspondem às zonas de influência do Mosteiro de Alcobaça na Estremadura e das Ordens Militares dos Templários e dos Hospitalários na Beira Baixa e no Alentejo. Coimbra e Viseu desempenham importantes papéis como centros de difusão de tipos léxicos. Existe uma zona de personalidade muito marcada entre o Lima e o Douro, verdadeira reserva linguística donde irradia o principal núcleo lexicológico das outras regiões do país. São íntimas as relações do distrito de Viana do Castelo e a parte setentrional de Trás-os-Montes com as zonas galegas vizinhas. Na região transmontana do Alto Douro há também um foco de tendências inovadoras.

Dois outros linguistas e filólogos brasileiros retomam a polêmica questão, agora numa atitude conciliadora. O primeiro deles, Silva Neto (1970), ao reconhecer que a hipótese da presença hegemônica de colonizadores do Sul em terras do Brasil Colonial não se sustenta, por não ter um apoio de estatísticas da época, admite que

Os estudos, embora raros, provam que houve equilíbrio na emigração. Na genealogia de fidalgos e homens de distinção, vindos para a Bahia nos dois primeiros séculos, contam-se um sulista e um ilhéu para três nortistas. No que toca aos colonos de classe baixa – artífices, operários, agricultores, pescadores a proporção é inversa. O Norte foi desde os primeiros tempos, uma região superpovoada, tendo sempre fornecido um contingente considerável para a colonização interna (Silva Neto 1970: 581-586).

Castilho (2010), por sua vez, advoga a hipótese de os colonos portugueses que para cá vieram serem procedentes de todas as regiões da metrópole, notando-se uma provável predominância de portugueses do Sul, dados os seguintes fenômenos fonéticos existentes no português brasileiro:

- (i) ocorrência absoluta do [s] predorsodental, típico do Sul português, e inexistência do [s] apicoalveolar, típico do Norte de Portugal;
- (ii) monotongação do ditongo [ey], dito [ay] no norte português, como em primâyru;
- (iii) manutenção da distinção entre /v/ e /b/, que são pronúncias alternantes no Norte português, ocorrendo tanto *varrer* como *barrer*. Essa é a hipótese meridionalista.

Apesar dessas correspondências, a hipótese meridionalista do povoamento português tem sido contestada sob a alegação de que a irradiação dos falares meridionais tinha-se processado já no território português, anteriormente à ocupação do Brasil. Cintra mostrou que os meridionalismos se disseminaram por todo Portugal antes da lusitanização do Brasil (Castilho 2010: 174-175).

Desta forma, a partir de dados disponíveis para a análise das convergências lexicais relativas à área dos olhos, documentadas em dois atlas, isto é, o *Atlas Lingüístico da Galícia* (ALGa) e o *Atlas Lingüístico do Paraná* (ALPR), tentamos verificar uma das hipóteses aqui aventadas.

Para tanto, recorremos a Cintra (1983) e Vázquez Cuesta e Luz (2010: 58). Cintra (1983: 140-159) propõe uma divisão dialetal baseada em traços fonéticos específicos que caracterizam, igualmente, três grandes zonas dialetais: (i) galego; (ii) português setentrional e (iii) português centro-meridional. Cada uma dessas zonas dialetais teria outras subdivisões, também com base em dados fonéticos.

Podemos visualizar essa divisão na figura *Classificação dos dialectos galego-portugueses* apresentada por Cintra (1983: 160-161).

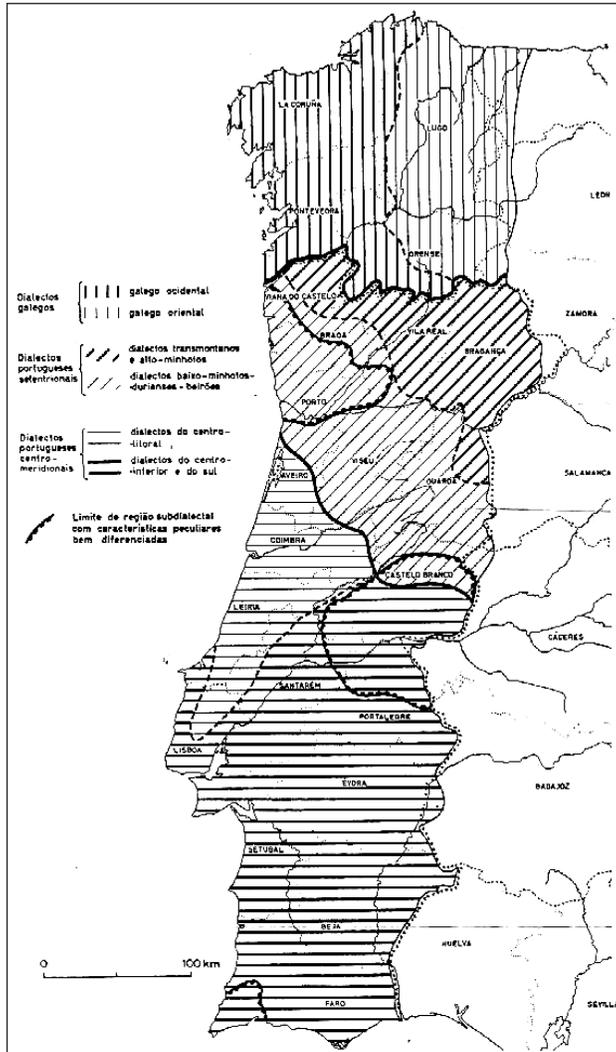


Figura 1. Classificação dos dialectos galego-portugueses

Vázquez Cuesta e Luz (2010: 58), por sua vez, admitem, *grosso modo*, seguindo as pegadas de Herculano de Carvalho, a existência de três vastas zonas dialetais no território português: Norte, Centro e Sul. Enquanto a zona dialetal do Norte, onde nasceram Portugal e a língua portuguesa, com as províncias do Minho, Douro e Trás-os-Montes, é a mais arcaizante delas, não menos importante é a zona dialetal do Sul devido à significativa contribuição dos dialetos moçárabes meridionais para a fixação do idioma português. Vejamos o que a análise dos *corpora* relativos ao corpo humano, em particular à área dos olhos, pode revelar sobre a presença do dialeto galego e do português europeu, sobre o português brasileiro falado no Paraná. Primeiramente, apresentamos uma síntese das obras consultadas para esta análise.

2. O ATLAS LINGÜÍSTICO GALEGO - ALGA VOL. V

O ALGA é um projeto do Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela, financiado pela Secretaria-Geral de Política Lingüística e pela Fundação Pedro Barrie de la Maza. Foi concebido e elaborado por uma equipe composta por Constantino García, Antón Santamarina, Rosario Álvarez Blanco, Francisco Fernández Rei e Manuel González González. Conforme consta da Introdução do volume V (García *et al.* 2005: 11), até a presente data, foram publicados cinco volumes: o primeiro, em 1990, que trata da morfologia verbal; o segundo, de 1995, que aborda a morfologia não-verbal; o volume III, publicado em 1999, dedicado à fonética; o IV, de 2002, que trata do léxico relacionado ao tempo atmosférico e ao tempo cronológico e o V volume, dedicado ao léxico relativo ao ser humano no que se refere às partes do corpo, doenças, ações e características físicas, e compõe-se de 300 mapas ou cartas linguísticas. Ainda sobre o ser humano, de acordo com os autores, está previsto um volume com o mapeamento de características psicológicas e sociais.

Os dados, do volume V, com qual trabalhamos nesta oportunidade, foram coletados mediante inquéritos realizados em 167 localidades da Galiza, Astúrias e Castela e Leão, durante os anos de 1974 a 1977, e mapeados a partir dos conceitos pesquisados. O questionário, composto por cerca de 3000 perguntas, é bastante minucioso, atendendo a todas as particularidades do corpo humano.

Deste trabalho resultaram 300 mapas, numerados de 1 a 291, havendo, porém, conceitos apresentados em duas ou mais cartas, tais como as de nº 220 a, b e c, por exemplo, que trazem as variantes para *abafar*.

Sobre a elaboração dos mapas, os autores informam que:

A maior parte da información que se ofrece neste volume obtívose da sección «O corpo humano» (compreendida entre as preguntas 2065 e 2306). Tamén se incorporaron materiais lingüísticos das notas apuntadas nas marxes polos enquisadores durante o proceso de recollida, pois os informantes non se limitaron a responder as preguntas concretas, senón que achegaron, en moitas ocasións, información adicional que superou, con moito, as previsións iniciais (García *et al.* 2005: 11).

Os mapas são do tipo sintético e suas informações estão dispostas por meio de símbolos de distintas formas e cores, registradas e representadas nas legendas. Estas, por sua vez, encontram-se na página direita e, em notas, constam comentários e a transcrição fonética das variantes coletadas. Cumpre ressaltar que as cartas, além da notação fonética, trazem observações de natureza sociolinguística identificadas em cada carta por um sinal que informa tratar-se, por exemplo, de variante decadente ou emergente, frequente ou rara, antiquada ou em desuso, própria do vocabulário de pessoas mais idosas ou mais jovens, ou até mesmo associada ao mundo rural (García *et al.* 2005: 21).

3. Os DOIS ATLAS LINGÜÍSTICOS DO PARANÁ – O ALPR E O ALPR II

Para o Paraná, estado situado ao sul do Brasil, Aguilera compôs um *corpus* oral que deu origem a dois volumes: o ALPR e o ALPR II. Publicado em 1994 pela Imprensa Oficial do Estado, o ALPR é o resultado da tese de doutorado de Aguilera que, com o auxílio de uma equipe, coletou os dados em 65 localidades paranaenses e mapeou as variantes lexicais e fonéticas em 191 cartas, das quais 92 são lexicais, 70 fonéticas e 29 cartas de isoglossas, estas últimas construídas a partir dos dados das cartas lexicais e fonéticas.

O ALPR II, por sua vez, é o resultado da tese de doutorado de Altino defendida na Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 2005, sob a orientação de Aguilera. Para elaborar este volume II, Altino analisou as questões que Aguilera não havia mapeado no Atlas anterior e cartografou dados lexicais em 125 cartas e dados fonéticos em 50 outras, totalizando 175 mapas. Ao todo esses dois atlas contêm 364 cartas que envolvem dois grandes campos semânticos: o Homem e a Terra. As cartas do ALPR II são numeradas a partir de 192, dando sequência, pois, ao ALPR e finaliza com a de número 364. Para facilitar a referência, doravante citaremos apenas a sigla ALPR para ambos, uma vez que compartilham o mesmo *corpus* coletado por Aguilera, entre 1986 e 1990.

Ao contrário do ALGa, não há um volume específico sobre o corpo humano, mas um conjunto de cartas lexicais que obedece à sequência do Questionário e outro, de cartas fonéticas, elaboradas segundo fenômenos fonéticos de interesse para a caracterização do Português Brasileiro, tais como a realização das vogais e das consoantes, dos róticos, dos casos de iotização, de aférese, de rotacismo e das proparoxítonas, entre outros.

O ALPR foi elaborado atendendo aos seguintes procedimentos metodológicos: (i) para a rede de pontos, foram estabelecidas 65 localidades distribuídas por todas as mesorregiões geográficas do Paraná, levando-se em conta, além da proposta de Nascentes (1958), aspectos históricos da formação e do povoamento do Estado e a equidistância entre as localidades; (ii) os informantes foram selecionados segundo alguns critérios da Dialetoлогия tradicional, ou seja, baixa ou nenhuma escolaridade, na faixa etária de 30 a 60 anos, origem rural e sedentários. A inovação consiste em ter entrevistado em cada localidade, não apenas um informante, mas dois: um homem e uma mulher; (iii) o Questionário (Caruso: 1982) aplicado aos 130 informantes consta de 325 perguntas distribuídas por dois grandes campos, Terra e Homem. O primeiro subdividido em: (a) natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo, etc., com 58 questões; (b) flora: árvore, frutos, etc, 29 questões; (c) plantas medicinais, 16 questões e; (d) fauna: aves, pássaros, animais, etc, 52 questões. O segundo campo — Homem — compreende: (a) partes do corpo, funções, doenças, etc, com 107 questões; (b) vestuário e calçados, 14 questões; (c) agricultura, instrumentos agrícolas, etc, 29 questões; (d) brinquedos e jogos infantis, 13 questões e (e) lendas, superstições, em número de 06, e uma narrativa de experiência pessoal.

As cartas são de três tipos: (i) *misto*, isto é, as variantes distribuem-se pontualmente no interior do mapa, representadas apenas por círculos coloridos em vermelho ou azul, cheios, semicheios, vazios, hachurados e pontilhados. Na parte externa do mapa, no canto direito, vêm as legendas. Este tipo serve tanto para cartas lexicais como para fonéticas com um número reduzido de variantes; (ii) *analíticas*, apenas para cartas fonéticas que apresentam um número excessivo de variantes, como *estômago*, *arco-íris*, *pernilongo*, por exemplo; (iii) cartas sintéticas ou de isoglossas (isoléxicas e isofônicas), elaboradas a partir das cartas mistas e das analíticas. O ALPR II inova trazendo, no verso de cada carta, os gráficos de frequência relativos às variantes masculinas e femininas. Ambos trazem Notas explicativas com excertos da fala e outras observações de natureza dialetológica ou etnográfica.

4. ANÁLISE DOS *CORPORA*

O ALGa, sobre a área dos olhos, traz 11 cartas, assim numeradas: 11. *ollo*, 12. *meniña*, 13. *pestanda*, 14. *cella*, 15. *pálpebra*, 119. *cego*, 120. *birollo*, 121. *tirizó*, 122. *belida*, 123. *lixo*, 124. *lagaña*, além de verbos referentes aos olhos, como *mirar*, *ver*, *avistar*, *chiscar o ollo*, *pestandexar*, *regalar os ollos*. O ALPR, por sua vez, apresenta 10 cartas relativas a essa área: 70. *pálpebra*, 99. *remela*, 251. *pestanda/cílios*, 252. *terçol*, 253. *miope*, 254. *vesgo*, 255. *cego de um olho*, 336. *olho/olhos*, *sobrancelhas* e 340. *óculos*.

Para este trabalho, selecionamos as cartas lexicais comuns a ambos os *corpora*, ou seja, as cartas referentes a *pestanda*, *pálpebra*, *vesgo*, *terçol* e *remela*. Excluimos as cartas *cella/sobrancelha* e *ollo/olho* pelo fato de o ALPR trazer apenas as variantes fonéticas de tais conceitos. Para a análise de cada carta ou mapa, observamos: (i) a inserção da forma em dois dicionários brasileiros, Ferreira (2008) e, quando necessário, em Houaiss (2001); para a verificação dos dados galegos, consultamos os dados disponíveis eletronicamente no *Dicionario da Real Academia Galega* (DRAG);¹ no *Dicionario de dicionarios² - Corpus lexicográfico da lingua galega* (DdD); e, sempre que necessário, recorreremos também aos dados disponíveis do projeto *Tesouro do Léxico Patrimonial*

¹ Disponível em: <http://www.realacademiagalega.org/dicionario#inicio.do>. Acesso em 09/07/2014. Vale lembrar que dentre os acervos consultados virtualmente apenas o DRAG possui caráter normativo.

² Disponível em: <http://sli.uvigo.es/ddd/index.html>. Como este acervo é composto por várias obras que tratam da língua galega, procuramos, na medida do possível, ao fazer menção a um registro de tais obras, colocar em notas de rodapé sua respectiva referência.

*Galego e Português*³. Ademais, procuramos, conforme o conteúdo da obra consultada, inserir outros dados e comentários como: (i) a etimologia, com base em Corominas e Pascual (1983); (ii) a abrangência territorial, se for o caso; (iii) comentários de natureza diatópica ou dialetal e; (iv) correspondência entre os atlas. Com a finalidade de ratificar e incorporar mais dados aos nossos resultados, realizamos, ainda, um estudo de materiais inéditos do *Atlas Lingüístico da Península Ibérica* (ALPI) e do *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG)⁴ referentes aos vocábulos citados.

Para facilitar a visualização, elaboramos o Quadro 1, destacando as cartas analisadas:

Conceitos	ALGa	Nº	ALPR	Nº
Olho	Ollo	11	Olho/olhos	336
Pupila	Meniña	12	-	-
Pestana	Pestana	13	Pestana/cílios	251
Sobrancelha	Cella	14	Sobrancelhas	339
Pálpebra	Pálpebra	15	Pálpebra	70
Cego	Cego	119	-	-
Estrábico	Birollo	120	Vesgo	254
Terçol	Titizó	121	Terçol	252
Catarata	Belida	122	-	-
Cisco	Lixo	123	-	-
Remela	Lagaña	124	Remela	99
Míope	-		Vista curta	253
Cego de um olho	-		Cego de um olho	255
Óculos	-		Óculos	340

Quadro 1. Cartas no ALGa e no ALPR sobre a área dos olhos

4.1. As variantes para o conceito *pestana*

Pestana, segundo Ferreira (2008), tem a mesma origem incerta que o espanhol *pestaña* e significa, como termo da Anatomia, cada pelo e orla palpebral, cílio, celha. Corominas e Pascual (1983) registram *pestaña* como forma hispânica, datada de 1275 e como:

voz común a los tres romances hispánicos y al gascón. De origen incierto, seguramente prerromano. El port. *pestana* y el gascón *pestante* demuestran que en su origen hubo de tener la forma **pistanna*, probte. emparentada con el vasco *pizta* 'legaña', *piztule* 'pestaña'; y quizá con el vasco *pitarr* 'legaña', cast. *pitarrá*, *pitaña*, id [...].

No ALGa, o mapa 13 traz como variantes: *pestana*, *pelo da pestana*, *pestaña*, *perceba*, *profrebra* e *cella* (segundo Ferreira 1991, do latim *cilium*, 1. Pálpebra. 2.Cílio. 3.Sobrancelha).

As formas *pestana* e *pestaña* são as mais produtivas, registradas em 14 e nove localidades respectivamente. No ALPR, a carta 251 traz as variantes: *pestana*, *cílios*, *pêlos*, *sobrancelhas*; *capela do olho*, *cabelo do olho*, *pupila*, *capa do olho*, das quais as três primeiras são as mais frequentes.

No tocante à dicionarização, *perceba* e *profrebra* não se encontram registradas em nenhum dos documentos galegos sobre os quais nos respaldamos para este estudo. Somente a variante *cella* encontra-se dicionarizada, como *bordo superior*, *curvo* e *sainte*, *da órbita do olho*, e *conjunto de pelos que o cobren para a protección do propio olho*, no DRAG, bem como nos outros materiais consultados.

Dentre as variantes paraanaenses, como visto acima, Ferreira (2008) e Houaiss (2001) citam *celha* e *cílios* como sinônimas, mas não incluem as formas *capela do olho*, *capa do olho*, *pupila* e *sobrancelhas* com o mesmo significado de *pestana*. Trata-se de formas tomadas como extensão de seu significado a outras partes da área dos olhos. Assim também *pelo/pelos* e *cabelo* repre-

³ Disponível em: <http://ilg.usc.es/Tesouro/>. Acesso em 09/07/2014.

⁴ Os dados utilizados foram gentilmente cedidos pelo professor João Saramago, coordenador da equipe portuguesa do ALPI e do ALEPG e pelo professor Xulio C. Sousa Fernández, investigador principal do projeto *Edición e elaboración dos materiais galegos do ALPI*. Vale ressaltar que, nesta oportunidade, nosso objetivo é contrastar os dados do ALPR com os do ALGA. Dessa forma, não nos detivemos de forma pormenorizada na análise dos materiais do ALPI e do ALEPG, tarefa que ficará destinada para uma futura pesquisa.

sentam nomes comuns para designar *cada um dos apêndices filamentosos da pele compostos de ceratina* e não especificamente o pelo das pálpebras. Sobre o assunto, Julià Luna (2012: 13) afirma que «los diferentes significados de los nombres que designan partes del cuerpo se corresponden con realidades ajenas a la anatomía y surgen por un proceso metafórico o atañen a otras partes del cuerpo y proceden de una metonimia».

Comparando os dados, verificamos que entre o galego e o paranaense, para a denominação desta parte do corpo, há convergência entre duas formas: *pelo(s)*, mais genérica e *pestana*, mais específica. Observamos que a forma espanhola, palatalizada, não aparece no ALPR. No ALGa, a ocorrência de *cella* indica que se trata de uma forma popular comum a ambas. Esses resultados podem, ainda, ratificar os dados inéditos do *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG), pois embora não sejam numericamente expressivas, verificamos que há 01 ocorrência para *capelas*, *sobrancelhas*, *francelhas* e *penugem*, enquanto a ocorrência de *pestana* atinge 97% do total de respostas dos pontos portugueses.

4.2. As variantes para o conceito *pálpebra*

Pálpebra, do latim *palpebra*, é definida por Ferreira (2008) como termo da Anatomia, significando cada uma das duas pregas móveis, uma superior e outra inferior, dotada de cílios, e que protege a superfície anterior de cada globo ocular. Não consta de Corominas e Pascual (1983). No DRAG, o item lexical está registrado como *membrana móbil que cobre e protege a parte visible do ollo*. Além disso, encontramos como sinônimo *capela do ollo* tanto nesse acervo como no do projeto Tesouro.

O mapa 15 do ALGa registra 21 variantes lexicais, fonéticas e morfofonêmicas, predominando *párpado*, seguida de outras menos numerosas, como *pálpebra*, *pestana*, *párpado*, *párpago*, *párpalo*, *párpano*, *párpato*, *pálpado*, *pálpato*, *tapa do ollo*, *tapa do ollo*, *piel do ollo*, *sobreollo*, *pestaña*, *capel*, *capela*, *capelo do ollo*, *conca*, *conca do ollo*, *papo do ollo* e *perceba*.

O ALPR, por sua vez, traz na carta da *pálpebra* oito variantes léxicas: *capela*, *pestana*, *capa*, *sobrancelha*, *pele*, *couro*, *pipila* e *pupila*, dentre as quais predomina a variante *capela*, seguida de *pestana*, conforme podemos verificar na carta 70.

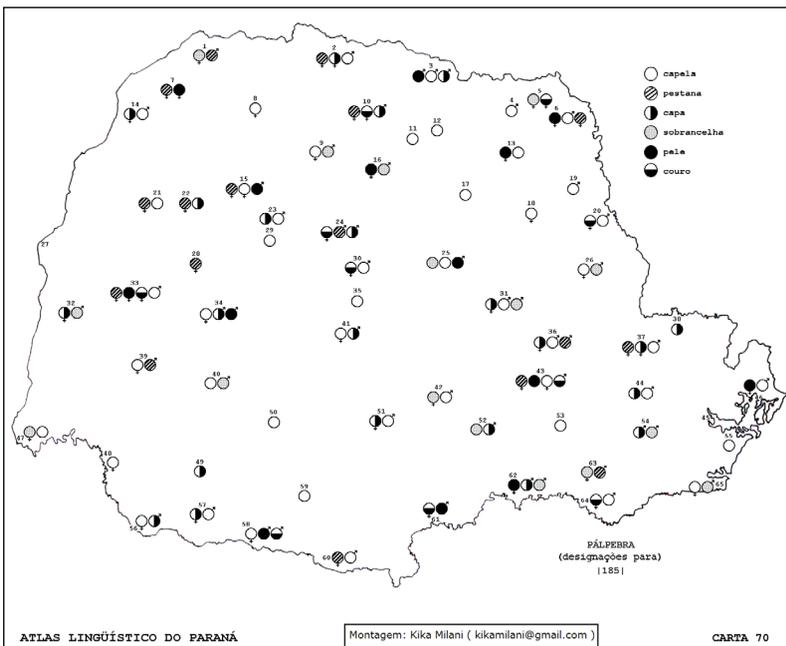


Figura 2. Carta 70 – Pálpebra. *Atlas Lingüístico do Paraná* (Aguilera 1994)

Das formas documentadas no ALGa, o DdD e o projeto *Tesouro* registram com a aceção de *pálpebra* apenas a variante *párpado*. De acordo com Julià Luna (2012: 15):

El latín clásico PALPEBRA, -AE 'párpado superior' y sus variantes vulgares (PALPETRA, -UM) constituyen el origen de la denominación estándar del párpado em casi todas as lenguas románicas: el fr. *paupière*, el cat. *parpella* y el rum. *pleoapa* descienden de PALPETRA; el gall. *Pálpebra* y el it. y port. *Palpebra* de PALPEBRA; y el *espárpado* de PALPETRUM.

As demais variantes fonéticas de *párpado*: *párpago*, *párpalo*, *párpamo*, *párpado* e *párpado* não constam dos dicionários consultados. Apenas a variante *párpado* apresenta registro no DdD⁵. A forma *tapa* encontra-se, também, registrada, neste mesmo acervo, com referência à *párpado*⁶. Nas demais obras, a dicionarização remete a outros significados, assim como acontece com *papo*, *conca* e *piel (do ollo)* cujos sentidos, por extensão, podem remeter ao conceito de *pálpebra*.

A forma *capel* não consta de nenhuma das obras galegas consultadas. Por sua vez, *capela*, está registrada no DdD como *piel movable que cubre el globo de los ojos*⁷ e também com o significado de *párpado*, *pálpebra*⁸. E, ainda, como *pellejo musculoso interiormente, guarnecido por las pestañas, que cubre y resguarda el ojo*⁹. No que diz respeito a *capelo do ollo*, verificamos no mesmo acervo a menção a *ceja*¹⁰.

Dentre as variantes mapeadas no ALPR, *capela dos olhos*, nos dicionários brasileiros consultados, é uma subentrada de *capela*, com a observação de tratar-se de um brasileirismo da região de São Francisco, no Nordeste e Sudeste brasileiro, significando *pálpebra*. As demais variantes: *sobrancelha*, *pipila* e *pupila*; *capa*, *pele* e *couro*, como já expusemos na análise sobre *pestaña*, ou são formas tomadas como extensão de seu significado a outras partes da área dos olhos, ou nomes genéricos que recobrem o significado de vários conceitos.

Sobre o vocábulo *capela (s) do (s) ollo (s)*, item constante tanto no galego como no português, os dados do ALPI, coletados na década de 30, registram essa variante na parte centro-oriental da Galiza, nas cidades de Boimorto e A Lavacolla, em A Coruña; Palas de Rei, em Lugo; Agolada, Bandeira, Cerdedo, em Pontevedra e; O Irixo, em Ourense. A posição de tais registros corroboram os resultados que obtivemos do ALGA.

No tocante a Portugal, o atlas aponta a ocorrência da(s) mesma(s) forma(s) nos pontos ocidentais de Braga, Setúbal, Coimbra, Porto, Viana do Castelo e Santarém; nos pontos orientais de Bragança, Guarda, Castelo Branco e Portalegre. Analisando os materiais recolhidos pelo ALEPG, entre as décadas de 70 a 90, verificamos que a ocorrência de *capela* diminui consideravelmente em um processo de recuo para a parte oriental de Portugal. Os dados desse atlas demonstram que o item lexical já não aparece, exceto em um ponto de Braga, em nenhum outro situado no litoral do país. Ademais, evidencia sua existência em outros pontos como Évora, Beja e Faro, sempre em cidades situadas em direção ao interior do país.

Com base no exposto, observamos que a predominância de *capela* no dialeto paranaense e a sua distribuição, embora esparsa, na língua galega, somada à distribuição espaço-temporal do português europeu, embora não comprove a influência marcada dos dialetos portugueses, demonstra que tal variante, tanto no português como no galego são formas mais conservadoras ou, dito de outra maneira, pertencem mais a uma fala rural.

Tal assertiva pode ser comprovada ao verificarmos que, na década de 30, o item *capela* se estendia por todo o território português, conforme demonstram os dados do ALPI. Todavia, quando analisamos os dados do ALPEG, coletados entre a década de 70 a 90, verificamos que essa ocorrência sofre uma subtração considerável, concentrando-se, sobretudo, na região centro-oriental portuguesa. Sabe-se que até meados dos anos 30 a península ibérica era primordialmente rural e que sua urbanização tem início em meados da década de 60, o que nos leva a inferir que a língua seguiu o mesmo curso social, levando a variante *capela* a perder espaço

⁵ Juan Cuveiro Piñol (1876): *Diccionario Gallego*, Barcelona.

⁶ Constantino García González (1985): *Glosario de voces galegas de hoxe*, Universidade de Santiago, Verba, anexo 27.

⁷ Eladio Rodríguez González (1958-1961): *Diccionario enciclopédico gallego-castellano*, Galaxia, Vigo.

⁸ Xosé Luís Franco Grande (1972): *Diccionario galego-castelán*, 2ª ed., Galaxia, Vigo.

⁹ Leandro Carré Alvarellos (1979): *Diccionario galego-castelán e Vocabulario castelán-galego*, A Coruña, Moret.

¹⁰ Constantino García González (1985): *Glosario de voces galegas de hoxe*, Universidade de Santiago, Verba, anexo 27.

no contexto moderno. O mesmo se pode deduzir dos resultados do ALPR, pois os entrevistados desse atlas são pessoas do meio rural, com ou sem nenhum grau de estudo.

No que se refere a *pestana*, a segunda variante mais frequente no ALPR, e com registro em 10 pontos do território galego, como sinônima de *pálpebra*, constante das cartas de ambos os atlas, com o significado de *cílios*, constatamos que a atribuição do mesmo nome para partes ou órgãos do corpo, devido à contiguidade entre eles, é frequente nos dois contextos: paranaense e galego. Ainda sobre os resultados desta parte da pesquisa, verificamos que a ausência da forma padrão, ou erudita latina, *pálpebra*, no ALPR e seu único registro no ALGA mostram semelhanças entre ambos os *corpora* e, novamente, a designação de formas genéricas — *piel*, *tapa*, *papo*, *conca*, no ALGA e *capa*, *pele*, *couro*, no ALPR, mostra a tendência popular de estender o significado de um termo para designar outros com os quais têm algum traço semântico comum.

Nossos resultados se assemelham significativamente aos que Julià Luna (2012: 15) obteve em seu estudo sobre os *Procedimientos de creación léxica en las designaciones iberorrománicas del párpado* (II) com base em atlas linguísticos do espanhol, do catalão, do galego e do português (europeu). Para confirmar tal assertiva, vejamos:

(...) el escaso número de ocurrencias en los atlas de la forma *pálpebra* tanto en Galicia como en Portugal es más que probable que sea consecuencia del carácter culto de la voz. El caso más representativo es el del gallego puesto que el ALGA sólo recoge un ejemplo de esta forma frente a un número nada desdeñable de casos de la variante mayoritaria, que es el español *párpado*, un uso que Negro Romero (2009: 243) califica de castellanismo en gallego. Además, entre los textos del TILG (*Tesouro informatizado da lingua galega*), la documentación *pálpebra* no se recoge hasta finales del siglo XIX (Aurelio Ribalta, 1984, *Ferruxe*, 24), por lo que se amplían las razones que explican la ausencia de la voz en ALGA. En portugués, en cambio, aunque el cultismo es mucho más frecuente (35 registros en el ALEPG), cabe destacar que su presencia compite con la que es la forma antigua portuguesa para designar el párpado (*capela* o *capela do olho*) y que se halla en 33 ocasiones en el mapa.

4.3. As variantes para o conceito vesgo

A palavra *vesgo* está dicionarizado em Ferreira (2008) como de possível origem expressiva e como variante de *estrábico*. Em Corominas e Pascual (1983), não há entrada para *vesgo*, todavia *estrabismo* está registrado como palavra de origem grega derivada de *bizco*.

No DRAG, o item é registrado da seguinte forma: *que ten a vista torta, cada ollo mirando nunha dirección* e apresenta como sinônimos *birollo*, *estrábico*, *meco*, *resgo*, *trusgo*. Com o mesmo sentido, encontramos entradas no DdD e, no projeto *Tesouro*, constatamos os registros das variantes *bizco*, *virollo* e *besgo*.

O mapa 120 do ALGA registra mais de 18 variantes lexicais, fonéticas e morfofonêmicas, predominando *birollo* e as variantes *birollo*, *rebirollo*, *biroco*, seguida de *vesgo* e variantes *visgo*, *vesco*, *resgo*, *bizco*, *bisco* e *risgo*. Como formas menos frequentes, temos *torto*, *chosco*, *chusgo*, *trusco*, *trusgo*, *trugo* e *pitoño*. O ALPR, por sua vez, traz na carta 254 como forma predominante *vesgo*, seguida de *zarolho*, *caolho*, *olho torto*, *vista torta*, *viroto*, *olho virado*, *estigmatismo* e *olho avesso*. A variante *birolho* foi registrada na fala da informante de Foz do Iguaçu, cidade que faz fronteira com os países hispano falantes, Paraguai e Argentina.

No tocante à dicionarização das variantes fonéticas obtidas no ALGA para *birollo*, verificamos que apenas *rebirollo* está registrado no DdD¹¹. Também *visgo*¹² e *bisco*¹³ e *resgo*¹⁴ (sob a forma *chosco*) constam desse acervo, todavia, para as palavras *vesco* e *risgo* não há registro nas obras consultadas.

¹¹ Constantino García González (1985): *Glosario de voces galegas de hoxe*, Universidade de Santiago, Verba, anexo 27.

¹² Luís Aguirre del Río (1858): *Diccionario del dialecto gallego*, ed. de Carme Hermida Gulías, CSIC-IPIS, 2007; Francisco Javier Rodríguez (1863): *Diccionario gallego-castellano*, ed. de Antonio de la Iglesia González, A Coruña; Francisco Porto Rey (1900): *Diccionario gallego-castellano*, ed. de María Xesús Bugarín e Begoña González Rei, A Coruña, Real Academia Galega, 2000; Eligio Rivas Quintas (1988): *Frampas, contribución al diccionario gallego*, Lugo, Alvarellos.

¹³ Marcial Valladares Núñez (1884): *Diccionario gallego-castellano*, Santiago, Im Seminario Conciliar; Francisco Porto Rey (1900): *Diccionario gallego-castellano*, ed. de María Xesús Bugarín e Begoña González Rei, A Coruña, Real Academia Galega, 2000; Constantino García González (1985): *Glosario de voces galegas de hoxe*, Universidade de Santiago, Verba, anexo 27.

¹⁴ Martín Sarmiento (1757-1762): *Onomástico etimológico de la lengua gallega*, ed. de J. L. Pensado Tomé, A Coruña, Fundación Barrié, 1999.

A forma *torto*, a par de outros sentidos, consta do projeto Tesouro e no DdD (em praticamente todas as obras) sob o significado de *bizco* ou como *el que non ve sino por un ojo y vizco o el que mira para todos lados o tiene la vista torcida*.

Dentre as variantes mapeadas no ALPR, destacamos *zarolho* que Ferreira (2008) registra como palavra de formação arbitrária com base em *olho* e com duplo significado: *cego de um olho* e *estrábico*. O dicionarista considera *caolho* procedente do quimbundo 'ka, 'pequeno', + *olho*, portanto um brasileiro, remetendo o leitor às entradas *estrábico* e *zarolho*. As expressões *olho torto*, *vista torta*, *olho virado* e *olho avesso*, formadas de nome+adjetivo são criações populares não dicionarizadas. *Viroto*, por sua vez, não consta de Ferreira.

Sobre os dois conjuntos de variantes mapeadas podemos chegar à seguinte síntese: (i) a coocorrência de *vesgo* em ambos os *corpora* comprova a confluência do galego e do português europeu sobre o léxico do português brasileiro. Tal resultado fica ainda mais evidente quando levamos em consideração a alta frequência dessa variante recolhida pelo ALPI, na Galiza, uma vez que, dos 53 pontos galegos inquiridos para o atlas, 60% apresentam o registro de *vesgo*, bem como em Portugal, pois, dentre as 93 localidades portuguesas todas apresentam o item lexical ou uma variante equivalente; (ii) os resultados obtidos mediante o vocábulo *birollo/birolho*, com apenas um registro no ALGa e no ALPR, mostra uma variante em desuso em ambos os contextos geográficos. Sobre o assunto, é importante destacar que no ALEPG não há registro de *birolho*, nos pontos portugueses; mas nove ocorrências de sua variante *mirolho*. Esse fato nos leva a inferir que, apesar de ser um vocábulo com baixa frequência, parece tratar-se de clara influência da língua galega no PB.

4.4. As variantes para o conceito *terçol*

A designação *terçol*, em Ferreira (2008), consta como de origem controversa e com o significado de *pequeno abscesso na borda das pálpebras; hordéolo*. Não está registrado em Corominas e Pascual (1983).

O mapa 121 do ALGa registra mais de 60 variantes lexicais, fonéticas e morfofonêmicas, predominando *tiriz[ɔ]* em quase todas as Províncias, exceto no Nordeste de Lugo, no Principado das Astúrias e na Província de Ourense, onde se concentram *touz[ɔ]* e *touz[o]*. O ALPR, por sua vez, traz *viúva* como forma predominante na carta 252 que se distribui por todas as mesorregiões correspondentes ao Paraná Tradicional, seguida de *terçol* nas localidades das mesorregiões que compõem o Paraná Moderno. *Viúva* não consta de Ferreira (2008) com esta acepção. Com baixa frequência, *micuim*, do tupi, foi registrada em cinco localidades, das quais quatro estão no Paraná Moderno. Trata-se de uma extensão do significado, pois *micuim* está dicionarizada como uma espécie de ácaro que ataca o homem e os animais, provocando fortes comichões.

A alta frequência de formas populares sobre o conceito *terçol* no ALGa é diretamente proporcional ao número de ausências nos dicionários consultados. Sobre a etimologia dessas variantes, seria necessário proceder a uma busca mais profunda em dicionários ou vocabulários da fala popular. Com exceção de *trizó* e variantes (*tirizo*, *torizó*, *treizó*), forma bastante próxima da variante *terçol*, nenhuma dessas formas, porém, parece ter sua origem no latim. O que é comum tanto no Brasil como na Galiza é a credence popular que atribui a ocorrência do *terçol* em uma pessoa ao fato de ter olhado para uma mulher grávida ou negar a ela algo, principalmente, alguma coisa.

4.5. As variantes para o conceito *remela*

Ferreira (2008) dicionariza *remela* como derivada de mel e a define como *secreção amarelada ou esbranquiçada, que se forma nos pontos lacrimais e no bordo das pálpebras*.

Nas obras galegas, exceto no projeto *Tesouro* que apresenta apenas a entrada com base em materiais portugueses europeus, o item está definido como *materia que se forma nos bordos e nas comisuras das pálpebras, especialmente durante o sono, como consecuencia da secreción de ciertas glándulas*. Ademais, no DdD, o registro encontra-se sempre ao lado de *lagaña*, que é a variante mais frequente no ALGa, mapa 124, com as variantes fonéticas *legaña*, *alegaña*, *langaña*,

llangaña, bagaña e laña. Sobre a origem de *lagaña*, Corominas e Pascual (1983) afirmam tratar-se de uma forma hispânica e complementam:

la forma más extendida y antigua es *lagaña*, S. XIV. Voz común al castellano con el catalán, S. XII, y el occitano, S. XIII. Origen incierto, probablemente prerromano, quizá de la misma etimología proto-hispánica que el vasco *lakaiña*, que significa 'hebra', 'asperenza', 'nudo de árbol', 'gajo', suponiendo que el sentido primitivo fuese 'brizna' (acepción al parecer documentada en el cat. ant. *llaganya*), de donde 'broza', 'menudencia', y ahí 'legaña'.

O ALGa registra esta forma como predominante nas Províncias Ourense, Lugo, Pontevedra, parte da Coruña e no Principado das Astúrias. Na parte Oeste da Galiza, concentram-se as variantes de *lepa*: [lɛ]pa, [lɛ]pia, [lɛ]pia, *lepra*, *lespa* e *lecha*. Dentre essas, no sentido exato de *lagaña*, verificamos o registro apenas de *lepa*, nas obras galegas. O significado de *lepra* é mais amplo, abrangendo *enfermidade infecciosa crónica causada por un bacilo, que se manifesta fundamentalmente pola presenza de manchas e úlceras na pel e lesións no sistema nervioso* (DRAG). No entanto, sua variante *lepría* aparece registrada no DdD¹⁵ como subentrata de *romela*.

As variantes *carracha* e *carraña* foram registradas em apenas três localidades da Província Ourense. Vale ressaltar que aquele item não consta das obras galegas sob o significado em pauta. Este, porém, está no DdD¹⁶ como referência para a entrada de *legaña*. O ALGa mapeia, ainda, uma ocorrência de *cagada*, *cagada de ollo*, *meca*, *pus*, *codela*, *romela* e *nacra*. Destas, a única que compreende o significado que buscamos é *romela*¹⁷, variante de *remela*, que consta do DdD, situada sempre ao lado de *lagaña* e, uma vez, de *lepría*.

No ALPR, todavia, é *remela* a forma mais produtiva juntamente com as variantes fonéticas *ramela*, *remelo*, *tremela*, *rimela*, *ramelo* e *tramelinha*. Outras formas, com baixa produtividade, têm significado mais genérico, como *sujeira*, *pus*, *melequinha* e *regina* por *resina*, que também podem ser atribuídas a outros referentes.

Tais resultados nos permitem verificar que, no caso das variantes para *remela*, a língua galega não apresenta influência significativa sobre o português, nas modalidades europeia e na brasileira. Essa assertiva pode ser confirmada tanto pelos dados registrados nos dois atlas quanto pelos materiais do ALPI e do ALEPG que corroboram os resultados obtidos.

5. CONCLUSÕES

Dando cumprimento ao objetivo de apresentar alguns pontos de convergência entre os mapas do ALPR e do ALGa, acerca das variantes lexicais relativas à área dos olhos, podemos concluir que:

- (i) há variantes comuns nos *corpora* analisados ao que se refere a formas dialetais, como *vesgo* e *birolho* (*birollo*) para designar a pessoa que sofre de estrabismo; *pestaná* para os pelos que recobrem a borda da pálpebra; *capela* para pálpebra; *remela* e *pus* para a secreção amarela que sai dos olhos. A presença, também, de *capela do olho* atestada de forma significativa em Portugal, por meio dos materiais do ALEPG, leva-nos a confirmar que essa forma tramitou do galego até o português brasileiro;
- (ii) *birolho*, registrado na fala paranaense evidencia a influência da língua galega no PB, já que não existem ocorrências dessa variante na língua portuguesa europeia, de acordo com os outros materiais consultados, isto é, o ALPI e o ALEPG;
- (iii) por meio dos resultados, exceto no caso de *birolho*, constatamos que o campo lexical da área dos olhos não fornece subsídios claros e capazes de evidenciar as hipóteses sobre as zonas dialetais do território português e sua influência no PB, já que as variantes estudadas se encontram distribuídas por todas as regiões de Portugal;
- (iv) o recuo da variante *capela* no português europeu para a parte centro-oriental do país, na década de 70, igualando-se à posição geográfica que essa variante já ocupava na língua galega desde os anos 30, reflete a tendência social da língua, ou seja, a de

¹⁵ Aníbal Otero Álvarez (1977): *Vocabulario de San Jorge de Piquín*, Universidade de Santiago, Verba, anexo 7.

¹⁶ Constantino García González (1985): *Glosario de voces galegas de hoxe*, Universidade de Santiago, Verba, anexo 27.

¹⁷ Aníbal Otero Álvarez (1956): *Contribución al léxico gallego y asturiano*, Archivum VI, p. 382-399; Varios autores (1961): *Apéndice ó Dicionario de Eladio Rodríguez*; X. L. Franco Grande (1972): *Dicionario galego-castelán*, 2ª ed., Galaxia, Vigo; Aníbal Otero Álvarez (1977): *Vocabulario de San Jorge de Piquín*, Universidade de Santiago, Verba, anexo 7.

acompanhar o desenvolvimento da sociedade. Neste caso, disseminou-se pelo interior do país e representa uma fala mais rural que refletiu no português brasileiro, especificamente, na fala paranaense;

- (v) o desconhecimento do nome específico ou científico de uma parte da área dos olhos é preenchido por nomes de alcance genérico como *pele*, *cabelo* / *pele*, para *cílios*; *capa*, *pele*, *couro* / *tapa*, *conca*, *piel*, para *pálpebra*; *pus*, *carracha* e *lepra* para *remela*;
- (vi) a estratégia de atribuir o mesmo nome para referentes diversos, mas localizados na mesma área (no caso, dos olhos) é comum no PB e no galego, como *sobrancelha* e *pupila* tanto para *pestanda* como para *pálpebra*, e *pestanda* tanto para *cílios* como para *pálpebra*. Vale lembrar, ainda, que esse processo metonímico parece ser uma tendência tipológica antiga, comum em muitas línguas, inclusive entre línguas não aparentadas. É recorrente, sobretudo, no caso das partes do corpo humano e costuma afetar com mais significância determinadas áreas que estão muito próximas a outras e cujos traços diferenciais são pouco notados pelos falantes, como é o caso dos olhos e das partes que os rodeiam.
- (vii) uma última conclusão diz respeito à ausência de nomes de base tupi, no dialeto paranaense, para designar as partes do corpo humano. Apenas uma variante foi registrada no ALPR: trata-se do *micuim*, para *terçol*. Originalmente, *micuim* é o nome de um ácaro, ou inseto minúsculo que ataca o homem e provoca coceiras e, por extensão do significado, passou a nomear a inflamação na pálpebra cuja causa estaria na picada do inseto. Em contrapartida, sobre a influência de línguas africanas, registramos apenas a varinante *caolho*.

AGRADECIMENTOS

Deixamos, aqui, registrados nossos sinceros agradecimentos ao professor Xulio C. Sousa Fernández que contribuiu para com a feitura deste trabalho, tanto pela leitura atenciosa e de grande valia quanto pela ajuda na análise dos dados.

REFERÊNCIAS

- ALEPG = João Saramago (dir.): *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (material inédito).
- ALGa = Constantino García *et al.* (2005): *Atlas Lingüístico Galego. Léxico. O ser humano* (I), vol. V. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- ALPI = Tomás Navarro *et al.*: *Atlas Lingüístico da Península Ibérica*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (material inédito).
- ALPR = Vanderci de Andrade Aguilera (1994): *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado.
- ALPR II = Fabiane Cristina Altino (2005): *Atlas Lingüístico do Paraná II*. Universidade Estadual de Londrina. Tese de doutoramento inédita.
- Álvarez, Rosario (coord.): *Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués*. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega. <http://ilg.usc.es/Tesouro>
- Caruso, Pedro (1982): *Atlas lingüístico do Estado de São Paulo: questionário*. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia / UNESP, Prefeitura Municipal de Assis.
- Castilho, Ataliba Teixeira de (2010): *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- Chaves de Melo, Gladstone (1981): *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão.
- Cintra, Luís Filipe Lindley (1983): *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- Corominas, Joan / José Antonio Pascual (1983): *Diccionario Crítico Etimológico castellano e hispánico*, vol. 5. Madrid: Gredos.
- DdD= Antón Santamarina (2003-2006): *Diccionario de diccionarios: corpus lexicográfico da lingua galega*. <http://sli.uvigo.es/ddd/index.html>
- Dietrich, Wolf (2010): «Os brasiguaios no Brasil. Aspectos fonéticos, gramaticais e lexicais», em Volker Noll / Wolf Dietrich (eds.), *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 167-181.
- DRAG= Real Academia Galega (2012): *Diccionario da Real Academia Galega*. A Coruña: Real Academia Galega. <http://www.realacademiagalega.org/diccionario#inicio.do>

- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (2008): *Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 6.0*. Curitiba: Positivo (edição eletrônica).
- Ferreira, Antonio Gomes (1991): *Dicionário editora de latim português*. Porto: Porto Editora Ltda.
- Houaiss, Antonio (2001): *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva (edição eletrônica).
- Julià Luna, Carolina (2012): «Procedimientos de creación léxica en las designaciones iberorrománicas del párpado (II)», *Revista de Filología Románica* 1, 11-31. DOI: http://dx.doi.org/10.5209/rev_rfrm.2012.v29.n1.38944
- Nascentes, Antenor (1958): *Bases para a elaboração do Atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa.
- Noll, Volker (2010): «Os primeiros empréstimos tupis no português do Brasil», em Volker Noll / Wolf Dietrich (eds.), *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 61-80.
- Silva Neto, Serafim da (1970): *História da língua portuguesa no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- Vázquez Cuesta, Pilar / Maria Albertina Mendes da Luz (1971): *Gramática da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Lisboa: Edições 70.